

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

S. PAULO



VOLUME IX



1904



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1905

39210

Resíduos da idade de pedra, na cultura actual do Brazil

POR

H. VON IHERING

A civilização moderna dá aos diferentes paizes um caracter mais ou menos uniforme, fazendo desaparecer cada vez mais os traços originaes dos diferentes povos. Isto se accentua particularmente nas cidades e quem quer conhecer a antiga cultura nacional, deve procurar na roça e entre as classes menos cultivadas do paiz.

Um elemento da população do Brazil que relativamente pouco ficou influenciado pela nova cultura, importada da Europa, são os moradores do littoral.

Nota-se entre esta população pouca actividade e pouco progresso, mas em compensação guardam fielmente as tradições e costumes dos seus antepassados, conservando até hoje muitos habitos e muitos utensilios que nas cidades já desde muito tempo foram substituidos por outros modernos.

O estudo destes objectos primitivos que em grande parte ainda hoje são os mesmos como quando usados pelos indigenas na época da descoberta, é de grande interesse para a comprehensão exacta dos instrumentos e utensilios que formam o objecto da archeologia brasileira. Procurei por esta razão colleccionar os referidos utensilios da população costeira e a instructiva collecção que em parte aqui estou expondo e que provem de Conceição de Itanhaem devo ao auxilio do Snr. Benedicto Calixto em S. Vicente. Fico muito agradecido a este Senhor, não só por esta cooperação, mas tambem pelas valiosas informações com que acompanhou os objectos enviados, dos quaes em seguida detalhadamente tratarei.

1. *Pedra-martello*. (fig. 5) Este utensilio encontra-se em abundancia em paradiros prehistoricos e principalmente nos sambaquis. São pedras com duas faces planas, achando-se entre ellas uma face pouco convexa, cuja circumferencia tem uma fôrma

oval ou redonda, assemelhando-se por conseguinte a um queijo. No centro de cada face plana existe uma cóvina destinada a receber as pontas do indice e do pollegar. A significação destes objectos permaneceu desconhecida até ha pouco. Entre nós foram denominadas «quebra-nozes»; na Allemanha toram chamadas Nápffensteine (pedras de covinhas) e na America do Norte, «hammenstones» o que quer dizer «pedras de martello». E' esta em verdade a applicação destes utensilios. O sr. dr. Luiz Gualberto de S. Francisco participou-me que na costa de Santa Catharina viu este utensilio em uso na casa de um pescador, que o aproveitava para tirar ostras dos rochedos. Afirmou este pescador que era difficil, desprender as ostras empregando simplesmente o facção, ao passo que utilizando-se do mesmo como d'um formão, batendo nelle com o referido martello sahiam com facilidade. Segundo Almeida Nogueira (1) a palavra tupi para este utensilio é *ita-nupandub*, pedra com que se bate ou martello. Parece que este utensilio actualmente já é pouco usado no littoral do Brazil.

2. *Mó. fi. 7* São estas pedras arredondadas, um pouco achatadas que servem para moer sal, pimentas, drogas e tintas. O exemplar que apresento (fig. 7) é proveniente de Itanhaem, onde era usado para estes fins. Pedras identicas são ricamente representadas em collecções de objectos prehistoricos do Brazil meridional. (fig. 6) São cascalhos ou pedras roliças, como são encontradas, especialmente junto ás cachoeiras. A denominação, ainda hoje usada para estes utensilios e a de itaguêrê ou itaquere; Almeida Nogueira escreve ita-yeré o que significa «pedra que gyra ou roliça». Neste ponto são de accordo nossas observações com a etymologia dada por Almeida Nogueira, de modo que provavelmente a etymologia dada por Theodoro Sampaio (2) ha de ser modificada. Ha perto de S. Paulo uma pedreira, denominada Itaquêra e deverá ser examinada, se alli talvez occurrem ou provavelmente occurriam pedras roliças.

Em varios outros dictionarios da lingua guarany encontra-se a palavra *itababoca* que é usada tambem para pedra de amolar. A mesma palavra se encontra tambem no dictionario de Almeida Nogueira na fórma de *ita-babag*.

3. *Trempe*. São em uso ainda hoje no littoral de S. Paulo trempes de pedra, formadas de tres pedras, destinadas

(1) Baptista Caetano de Almeida Nogueira. Vocabulario das palavras guarany usadas pelo traductor da «Conquista Elpiritual do Padre A. Ruiz de Montoya». Annaes da Bibliotheca Nacional. Vol. VII. Rio de Janeiro, 1879.

(2) Theodoro Sampaio. O tupina geographia nacional. S. Paulo, 1901. p. 133.

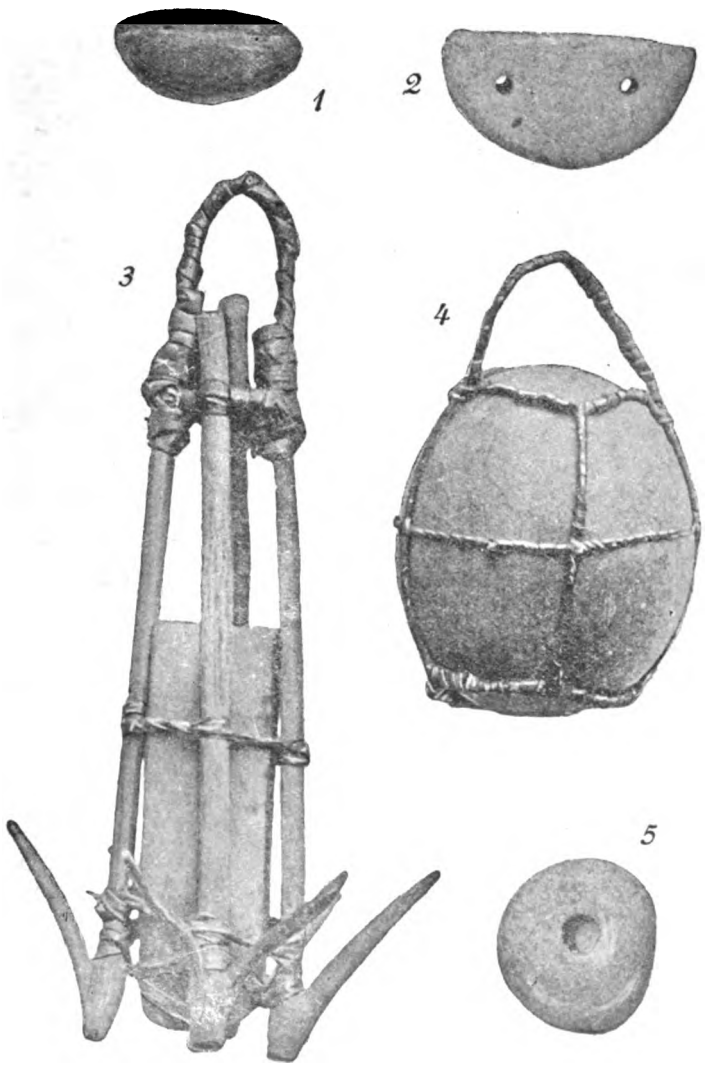
para sustentar as panellas, substituindo assim o fogão. Estas trempes ainda hoje tem o nome de *ita-curub*, vocabulo que Almeida Nogueira dá com a mesma significação.

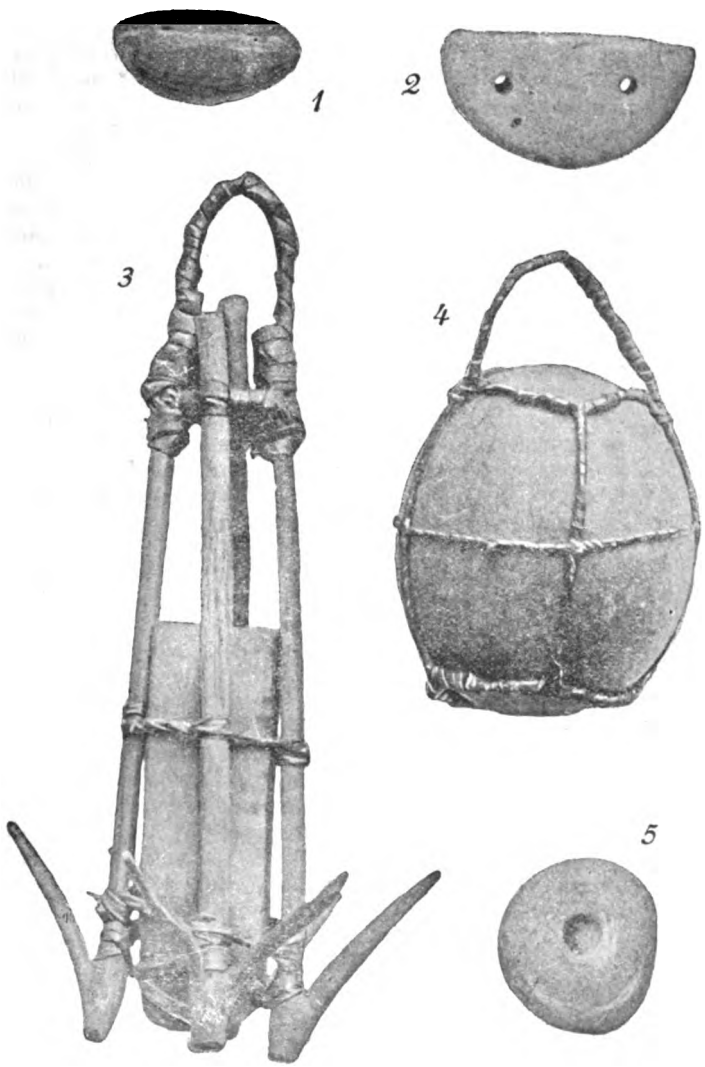
4. *Pedras de ancora.* (Fig. 4.) Os pescadores, não só da costa de S. Paulo, mas tambem na de Santa Catharina etc., não usam para suas pequenas embarcações de ancora de ferro, mas de pedra de fôrma redonda ou oval, envoltas numa rêde de malhas largas, feitas de fibra de imbé ou guaimbé oomo se pronuncia a palavra no littoral de S. Paulo, facto que tambem consta pelo dictionario de Almeida Nogueira que á p. 203 explica a etymologia. E' singular que Almeida Nogueira não tem a palavra *po-itá*, mesmo assim a etymologia não é difficil, visto que segundo Almeida Nogueira *po-hii* significa pesado ou ser pesado, sendo pois *poh-itá* uma pedra pesada. Esta palavra é tão geralmente conhecida no littoral que della se formou tambem um verbo *pohitar* no sentido de ancorar. Fica *pohitada*, não só a canôa, mas tambem o espinhel.

A *pohita* aqui exposta é formada de uma pedra de 20 cent. de comprimento com 14 cent. de largura e 8 cent. de grossura, tendo o peso de 4200 grs., destinada para *pohitar* o espinhel. Para as *pohitas* das canoas aproveitam-se pedras mais pesadas.

5. *Fateixa.* (Fig. 3) Sob esta denominação entendem-se ancoras pequenas de quatro ganchos usadas na Europa. Um utensilio semelhante é usado no littoral de S. Paulo e particularmente em Itanhaen, sob o nome de *garatêa* ou *igarateau*.

E' feito de uma pedra roliça de fôrma alongada, ao redorda qual são atadas. por meio de imbé, galhos em fôrma de ganchos. Este aparelho serve para procurar no fundo do rio ou mesmo do mar um objecto perdido de maior tamanho e mesmo o cadaver duma pessoa afogada, podendo, aliás, ser empregado tambem como *pohita*. Evidentemente a palavra é composta de *igara* e *têa* ou *tihab*. Vocabulos dos quaes, o primeiro significa canôa, enquanto que o segundo, conforme Almeida Nogueira, significa amarrilho —ou amarração. A palavra *igar* parece significar, segundo Almeida Nogueira, casca de arvore e quasi a mesma significação tem outra palavra, designando canôa e usada no norte do Brazil: *pirog* ou *piroga*, que quer dizer esfolar ou pelle tirada. Esta circumstancia nos faz suppor que os typos primitivos das canoas tivessem sido as de casca de arvore, como ainda hoje são geralmente usadas nos affluentes do Rio Amazonas. No Brazil meridional usam de preferéncia arvores de cedro para o fabrico de canoas, sendo por esta razão o nome do cedro *igcr-ib* ou arvore de canôa. A etymologia das palavras indicadas para canôa parece provar entretanto que a fôrma primitiva não era a de um tronco de





arvore excavado, mas sim a de uma embarcação feita de casca de arvore. A palavra *igara-tea*, ainda hoje usada no littoral, representa, por consequente, a fôrma correcta do idioma tupi, para amarração de canôa, com a pequena alteração apenas de que a fôrma correcta é *igara-tia*.

Pesos de rêde (fig. 1 e 2) e *rêde em geral*. No correr do anno recebi do sr. Benedicto Calixto dous pesos de rêde, de barro cozido, que foram encontrados numa urna funeraria em S. Vicente. A fôrma destes utensilios é a de um disco partido pelo meio e identica a dos utensilios que ainda hoje são usados pelos pescadores do littoral de S. Paulo, excepto só o modo de perfuração, que é um pouco differente. O achado do objecto prehistorico é de grande interesse, porque prova que os indigenas conheciam e usavam rêdes grandes, o que von Martius poz em duvida.

Em geral as informações dos escriptores antigos são parcas com referencia aos aparelhos usados na pescaria, sendo certo entretanto que, ao menos no Brazil meridional, os indigenas se serviam de rêdes para pescar. Isto é provado pelas narrações de Ulrich Schmidel (1) e Hans Staden. (2) Este diz que os indios usavam de rêdes pequenas, referindo-se, evidentemente, ás rêdes de malhas pequenas presas em varas e manejadas por uma pessoa só, que ainda hoje são geralmente usadas no littoral e denominadas *puça* ou *puçá*, como escreve Almeida Nogueira. E' bem possivel que as diversas tribus que viviam na costa de São Paulo, na época da descoberta se differenciassem nos aparelhos usados para pesca e, nestas condições, é de grande interesse a concordancia entre os pesos de rêde actuaes e os prehistoricos.

7. *Anzóes*. Os escriptores antigos em geral nada dizem sobre os anzóes dos indigenas e Gabriel Soares (3) nega até o seu emprego entre os indios. Comtudo, não podemos duvidar que anzóes eram geralmente usados entre os indigenas do Brazil e particularmente do littoral. O nome tupi é *pindá* e o nome da cidade de Pindamonhangaba exprime uma localidade onde se fabricavam anzóes. Infelizmente, não sabemos de que material eram feitos os anzóes, e si talvez a respectiva materia prima abundava na cidade indicada. Seja observado entretanto que o nome de *pindá* se repete muitas vezes nas denominações geographicas do Brazil, como tambem o dr. Theodoro Sampaio o

(1) Ulrich Schmidel. *Viaje al Rio de la Plata (1534—1554)* por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos-Ayres, 1903, p. 150.

(2) Hans Staden, *suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brazil*. Edição commemorativa do 4.º centenario. S. Paulo, 1900, pag. 129.

(3) Gabriel Soares de Sousa. *Tratado descriptivo do Brazil em 1557*. Rev. Inst. Hist. e Geogr. do Brazil. Tomo XIV seg. ed. Rio de Janeiro 1979 b. 319.

provou no seu valioso dicionario (1). Desconfio que na costa servissem para fabricação de anzões pequenos os espinhos do ouriço do mar, cujo nome ainda hoje é *pindá*.

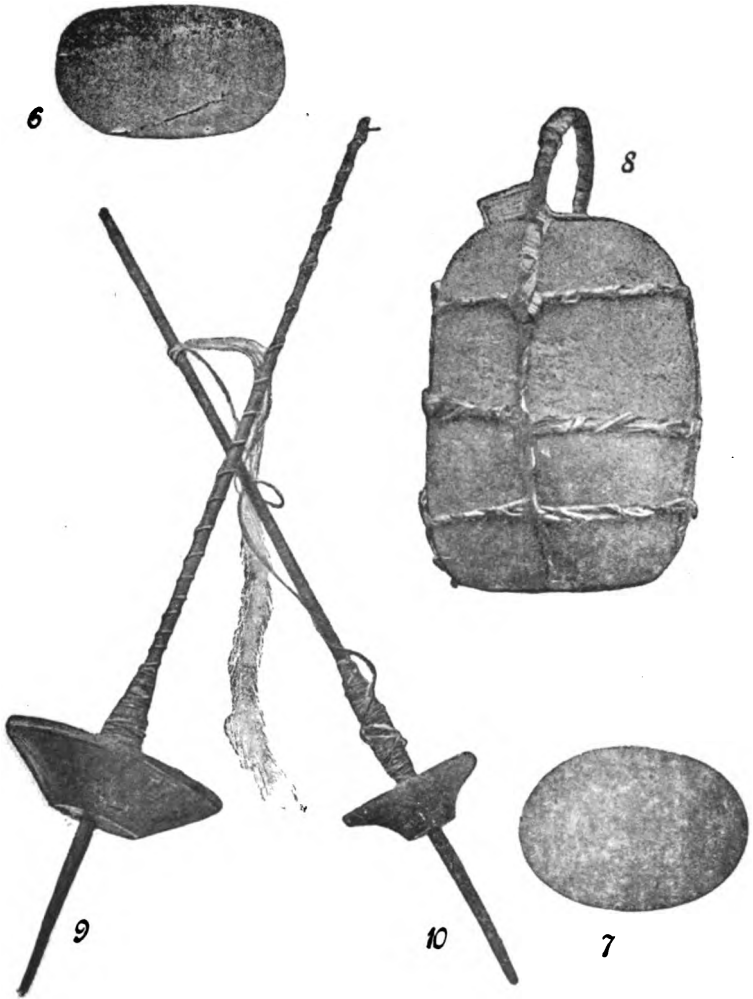
Em geral os anzões eram maiores do que os nossos que os indios denominavam, *pindá mirim tinga* ou anzol pequeno branco resp. de metal branco. A linha em geral estava presa num caniço denominado *pinda-iba* e esta palavra divulgou-se entre nós, estando na *pindahyba* quem está na miseria, por não ter que comer sinão o que lhe cõe no anzol.

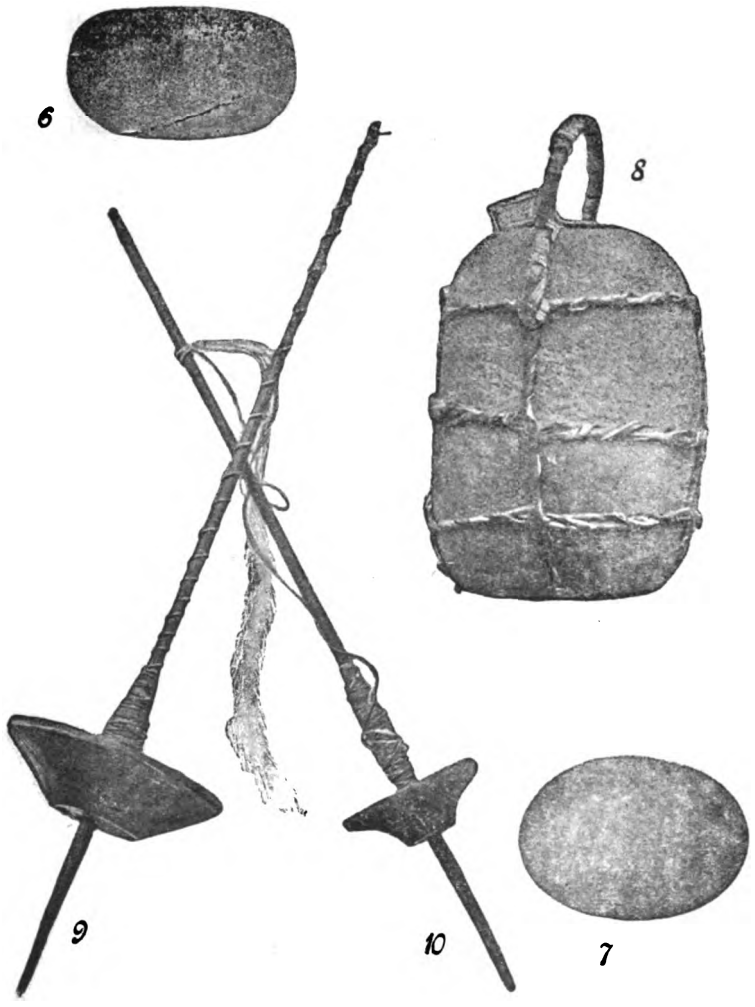
8 *Fios para rédes e linhas.* A população costeira usa ainda hoje de fusos (fig. 9 e 10) que consistem em uma varinha de 38—41 cm. de comprimento da madeira da palmeira brejauba, em cuja parte inferior está preso o corpo do fuso, que é um disco perfurado de madeira, de 6—9 cm. de diametro cortado por faca ou torneado. São fiadas as fibras de algodão de tucum e de caragatá. Esta ultima fibra muito estimada pelos pescadores provem de uma grande especie de Broneliaceas, ao passo que a a fibra do tucum se extrahê das folhas de uma palmeira de espinhos. Dos fios do tucum já nos falla Hans Staden e não podemos duvidar que o fuso já na época prehistorica consistisse em madeira. Na Republica Argentina foram em condições favoraveis encontradas fusos prehistoricos ao lado de outras, cujo disco era feito de pedra ou de barro cosido. No Brazil as circumstancias não permitiam a conservação de objectos antigos de madeira e assim aqui não conhecemos fusos prehistoricos a excepção de um, feito de barro e encontrado no Rio Grande do Sul e que pretence á collecção do Museu Paulista.

Os objectos que no precedente foram descriptos e discutidos, provam que a população actual do littoral de S. Paulo em grande parte conservou elementos da antiga cultura prehistorica que estava estabelecida no paiz antes da descoberta. E' verdade que facas, machados, tesouras, anzoes e outros utensilios importados, tambem na costa substituiram os antigos instrumentos de pedra polida, mas em muitos casos foram conservados utensilios na fórma primitiva que em outras partes do paiz cederam logar aos objectos de importação. Os factos aqui communicados evidentemente representam apenas uma pequena parte de uma cultura archaica cujo estudo nas suas diversas manifestações se recommenda a estudos serios e aprofundados.

S. Paulo, 25 de Outubro de 1904.

(1) L. c. p. 146 e 72.





EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS...E...

EXTAMPAS...

- Fig. 1 Peso de rêde (prehistorico de S. Vicente).
« 2 Peso de rêde (moderno, de Itanhaen).
« 3 Fateixa ou ancora (moderno de Itanhaen).
« 4 Porungo de rêde (moderno de Itanhaen).
« 5 Pedra martello (prehistorico, do Rio Grande do Sul).
Fig. 6. Mó ou pedra de moer (prehistorica, do Rio Grande do Sul).
Fig. 7. Mó ou pedra de moer (moderna, de Itanhaen).
» 8. Poita ou pedra de ancora (moderna, de Itanhaen).
» 9 e 10. Fusos de fiar tucum (moderno, de Itanhaen).

